



Para sempre moderno

Um papo com JORGE ZALSZUPIN, designer que une tecnologia e apuro formal na criação de clássicos atemporais

por ADÉLIA BORGES fotos MARINA CHAMA E JULIU DUI

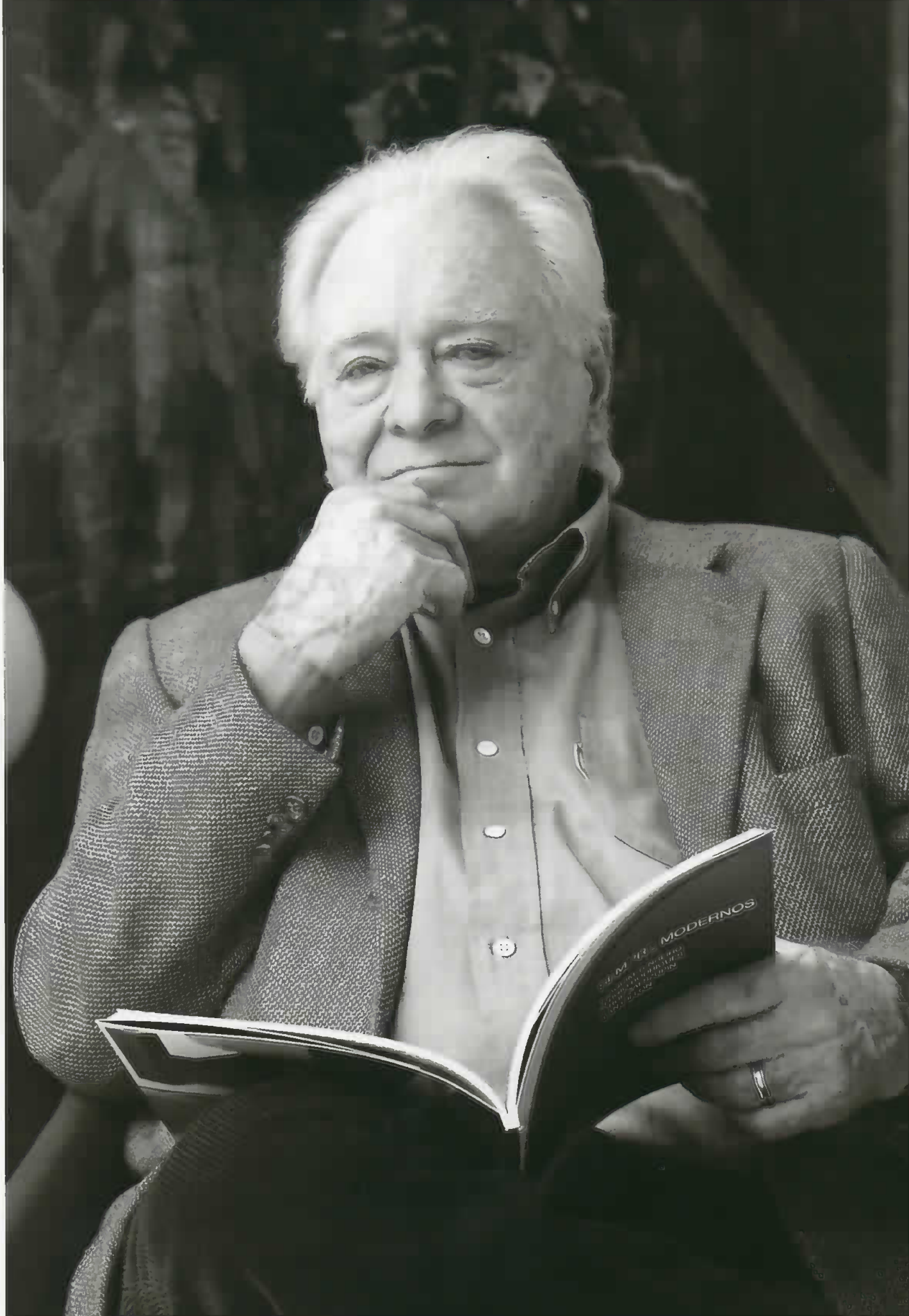


Madeira resistente, o jacarandá lhe permitiu fazer estruturas delgadas e elegantes, como a poltrona Dinamarquesa

Jorge Zalszupin faz 60 anos de Brasil em 2009. Motivos de comemoração não faltam. Durante algumas décadas, apenas uns poucos experts sabiam quem era ele. Nos últimos tempos, o arquiteto e designer que escreveu belas páginas na história do design brasileiro com seu trabalho para as empresas L'Atelier e Hevea, passou a ter o nome mais difundido e reverenciado. Seus móveis em jacarandá alcançam cifras crescentes em antiquários modernos mundo afora. Etel Carmona passou a reeditar algumas dessas criações. E sucedem-se publicações e exposições sobre o seu trabalho.

O balde de gelo Eva está entre duas dezenas de obras consideradas emblemas do nosso design na expo Ícones do Design - França / Brasil, em cartaz no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, de agosto a setembro, e no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, de outubro a novembro. Esta entrevista foi feita por ocasião dos preparativos para a mostra Sempre Modernos, que focalizou os móveis de Zalszupin em conjunto com outros bambas do design nacional - Joaquim Tenreiro, Sérgio Rodrigues e Jean Gillon.

Acompanhado de sua esposa, a parisiense Annie, Zalszupin mostrou toda a inquietação de um homem que transitou da arquitetura ao design e às artes plásticas com igual desenvoltura. Um dos tantos europeus que, como Gregori Warchavchik, Lina Bo Bardi e Michel Arnoult, tiveram presença essencial na história da cultura de nosso país. ►



CASA VOGUE: Como o senhor veio parar no Brasil?

JORGE ZALSZUPIN: Vivi em Varsóvia até os 17 anos de idade. Com a invasão da Polônia pelo exército nazista, ocorrida em 1939, me refugiei na Romênia onde fiz faculdade de Arquitetura. Logo depois da guerra, voltei à Polônia, mas o panorama estava desolador, a maioria dos meus parentes tinha morrido, inclusive minha mãe. O governo francês estava dando incentivos para a reconstrução de casas afetadas pela guerra, então fui morar numa cidadezinha chamada Saint Paul, no norte da França. Costumava ler a revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, e me encantava com os frequentes projetos brasileiros ali publicados, de arquitetos como Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, os irmãos Roberto. Me identificava com a linguagem moderna de todos eles. Segui trabalhando muito até que um dia meu pai me visitou e perguntou se eu ia ficar para sempre naquele fim de mundo. Quando ele disse isso perdi o norte. Mas imediatamente me lembrei do Brasil e decidi vir para o Rio de Janeiro. Sabia de Pampulha, um pouquinho da Bahia, nunca tinha ouvido falar de São Paulo...

E como foi a chegada?

Vim de terceira classe num navio e desembarquei no Rio em pleno carnaval, em fevereiro de 1949, ouvindo *Chiquita Bacana* nas rádios. Trouxe uma moto com placa francesa, com ela visitei os escritórios de todos os arquitetos dos quais ouvira falar achando que no dia seguinte iam me dar um emprego, mas nada... Quando o dinheiro já estava acabando, achei um papelzinho que tinha comigo. Veja como são as coincidências. No navio, encontrei uma amiga da minha irmã. Ela contou de um tio arquiteto que morava em São Paulo, Luciano Korngold, escrevendo seu nome e o endereço. Em abril ele me chamou para trabalhar.

O senhor se mudou logo para São Paulo?

Ele disse que precisava de ajuda urgentemente, porque estava fazendo um projeto para um concurso. No dia seguinte peguei um avião para São Paulo, ele estava a minha espera no aeroporto de Congonhas. De lá até a Avenida Brasil as ruas eram de terra, só na esquina da Brasil com a Brigadeiro o asfalto começava. Fui então trabalhar no escritório dele na Rua Barão de Itapetininga. Ele deu muito suporte, indicou um quarto para alugar, uma pensão onde me alimentar... Passei a trabalhar em seu escritório, desenvolvendo projetos de arquitetura, de tudo um pouco – casas, lojas, prédios. A vida foi se ajeitando para mim, e depois de alguns anos montei meu próprio escritório.

“fui muito bem acolhido no Brasil. Não conheço outro país assim. O brasileiro é realmente muito cordial.”



Acima, cadeira de jacarandá.



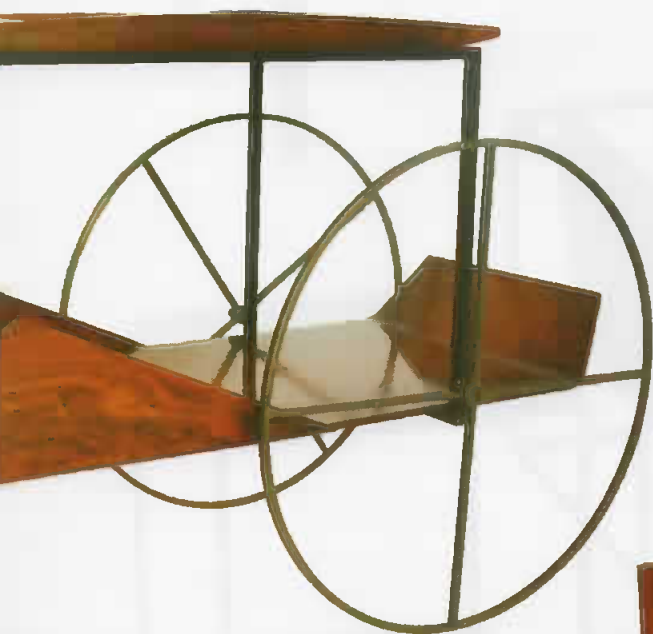
Abaixo, mesas dobráveis Café. Na página ao lado, no alto, poltrona Sênior, carrinho de chá, com bandeja superior removível, e a mesa de trabalho, com tampo de régua de jacarandá





“ trouxe jovens designers

muito talentosos para trabalhar comigo, funcionávamos como um verdadeiro laboratório de ideias.”



Móveis à venda na *Etel Interiores*
(www.etelinteriores.com.br) e na
Passado Composto Século XX
(www.passadocomposto.com.br)

E como surgiu o design?

Em meus projetos de arquitetura, era comum desenhar móveis para os clientes. Resolvi, então, em 1959, passar a produzir alguns projetos em série. Minha ideia era fazer um laboratório de novas formas, daí o nome L'Atelier. Chamei Wesley Duke Lee para desenhar a marca e outras pessoas contribuíam nos projetos de móveis, como o Julio Katinsky, que trabalhava em meu escritório de arquitetura. Nessa altura, eu estava instalado em salas no Conjunto Nacional, onde também havia o restaurante Fasano e uma loja do Joaquim Tenreiro. Acabei alugando uma loja lá e daí a L'Atelier foi de vento em popa.

O senhor passou a produzir uma das peças mais importantes do design do século 20, a cadeira Hille, que vendeu mais de 12 milhões de unidades no mundo.

Como isso aconteceu?

Um dia apareceu na fábrica uma inglesa de 75 anos, Mrs. Hille, um amor de pessoa, com um secretário carregando uma concha de polipropileno. Ela queria que eu fabricasse aquela cadeira no Brasil. Era um excelente design, a cadeira podia ser empilhada, muito funcional, mas eu não tinha recursos na L'Atelier para produzir. Quem produziu para mim foi a Hevea, uma fábrica de plástico, que acabei comprando depois.

O senhor deu uma nova feição para os objetos de plástico no Brasil...

A Hevea fazia componentes que fornecia para outras empresas, como fundo de televisor e grade frontal de carros da Ford. Eu quis fazer uma linha de bens de consumo, com bom design. Partindo do nome da empresa, criei a linha Eva e botei o logotipo, com uma maçã. Passei a produzir no Brasil também as peças da Kartell. E trouxe jovens designers muito talentosos para trabalhar comigo. Os principais foram Oswaldo Mello, Paulo Jorge Pedreira e Lílian Weimberg. Era uma época muito boa, funcionávamos como um verdadeiro laboratório de ideias. Com a compra de uma fábrica de computadores, a Labo, criamos o Grupo Forsa, uma sociedade anônima.

E também inovou ao trabalhar com vários materiais...

Sim, usávamos plásticos, poliuretano, metais, couro. Em madeira, usávamos muito o jacarandá, extremamente resistente. Ele quebra os dentes da serra, pela dureza. É a madeira indicada para cadeira, permitindo estruturas muito finas. Tenreiro chegava a dimensões que me deixavam boquiaberto. Com o tempo passamos a trabalhar com perobinha-do-campo. ▶



Como surgiu a solução de conceber a superfície do móvel em réguas, que se tornou uma característica da L'Atelier?

Surgiu pela dificuldade de ter folhas suficientes para revestir móveis de grandes extensões, como mesas de jantar e de reunião. Como as pessoas queriam um padrão uniformizado para vários móveis destinados a um mesmo ambiente, o que era praticamente impossível, então passei a usar as réguas.

E quanto ao lado empresarial?

Tivemos muito sucesso comercial. Nosso grande comprador foi o governo, por causa da construção de Brasília. Na Justiça brasileira não há um móvel que não seja L'Atelier, até hoje quando vejo entrevistas de juízes e desembargadores na televisão reconheço nossos móveis. Vendemos muito também para o mercado hoteleiro, como o Leme Palace, no Rio de Janeiro, e o Hotel dos Reis Magos no Rio Grande do Norte. Mas a parte administrativa não era o meu forte, tanto que vendi minha parte da empresa e depois de algum tempo ela fechou. Continuei então minha atuação como arquiteto e comecei a pintar nas horas livres.

A linguagem de seus móveis não parece por vezes escandinava?

Não sei, mas o fato é que o jeito escandinavo entrou na minha alma.

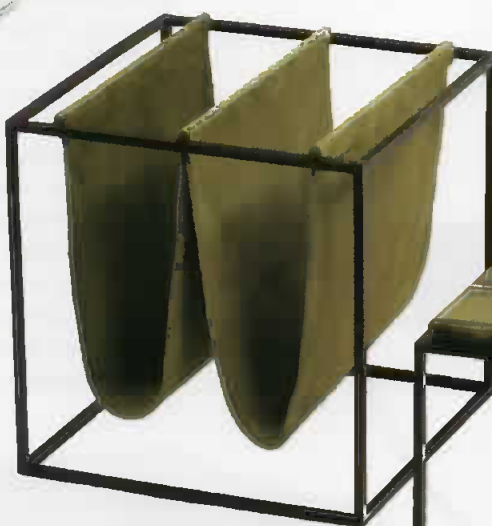
Valeu a pena ter vindo?

Claro que sim. Fui muito bem acolhido no Brasil. Não conheço outro país assim. O brasileiro é realmente muito cordial. ■

Abaixo, poltrona Sênior, móveis da linha Dominó e mesa lateral



AGRADECIMENTOS: GRAÇA BUENO



“ Vim de terceira classe num navio e desembarquei no Rio em pleno carnaval, em fevereiro de 1949, ouvindo Chiquita Bacana”